NUMERO 1189 FARO 18 DE JANEIRO DE 1931 ANO 23

Director-Proprietario, Editor
Ferreira da Silva
Redacção, administração, composição e impressão
Rua do Alportel, 23 a 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

SILVA NOGUEIRA
Fotografo da "élite" e de artistas
141—Rua da Escola Politecnica—141
Fotografia Brazil

A União Nacional

A reunião da comissão districtal

A comissão distrital da União Nacional do Algarve realisou, no passado domingo, no Gabinete do Sr. Governador Civil do Distrito, a sua primeira reunião de trabalho.

Pode afoitamente dizer-se que nessa reunião se marcaram directrises de acção bem nítidas, que deixam prever a eficiência com que este organismo, delegado do Governo na provincia, vai atacar as mais urgentes e vitaes questões que interessam mais á de perto á economia e á vitalidade algarvias.

Assistiram a essa reunião, além do Snr. Governador Civil, que presidiu, os Snrs. Dr. Miguel Ramalho Ortigão, Dr. Justino de Bivar, Dr. Bernardo Lopes, Dr. Alberto de Sousa, Dr. Antonio Judice Cabral, Dr. Sebastião Pinto, Dr. João de Matos Parreira, Dr. José Julio Rodrigues, Lopes Martins e Bento Louro.

Três assuntos primaciaes ocuparam a atencão da Comissão.

1.º—A grave crise agricola e fabril em que a provincia se debate.

2.º—As urgentes necessidades do ensino publico, secundário e primário.

3.º—A aflictiva situação dos serviços de assistencia publica.

A 1.ª questão foi proficientemente debatida pelos Snrs. Dr. Ramalho Ortigão, Dr. Justino de Bivar, Dr. Alberto de Sousa e Dr. Antonio Judice Cabral.

Por proposta do Snr, Dr. Justino de Bivar a comissão resolveu apoiar junto dos poderes publicos a representação dos sindicatos agricolas ao Governo, referente em especial ao abaixamento de tarifas ferro-viarias de transporte da alfarroba, e á protecão necessária ás industrias de distilação alcoolica agora em enorme declinio. Tambem foi pelos Snrs. Dr. Alberto de Sousa e Dr. Antonio Judice levantada a questão do aumento de preço dos adubos, resultante da organisação em *trust* dissimulado das fabricas respectivas estudando-se uma forma de solicitar a intervenção do Governo em questão de tão vital importancia para a agricultura, já sobrecarregada de tantos onus.

A 2.ª questão foi levantada pelo Dr. José Julio Rodrigues, professor e Vice-Reitor do Liceu de Faro, chamando este Snr. a atenção da Comissão para o que se passa com o Liceu de Faro frequentado por mais de 600 alunos, em que estes vivem no maior desconforto, por falta de remate das obras do Liceu, para o que já foi instantemente chamada a atenção do Governo, não só pelo mesmo professor mas pelo atual Reitor Dr. Simões de Miranda e pelos Reitores transactos. Não desconhece a acção do Snr. Governador Civil neste particular, mas insta porque se efectivem as promessas recentemente feitas de concessão de uma verba de 2000 contos para completar todos os trabalhos precisos. Por proposta do Snr. Dr. Alberto de Sousa resolveu a Comissão juntar a esta reclamação outra referente á deficiencia das escolas primarias existentes e á falta absoluta de escolas em certas regiões ou congestionamento de outras em que um só professor se vê forçado a cuidar de 80 alunos e mais.

O Dr. José Julio Rodrigues propoz que se organizasse um questionario para todas as comissões concelhias da União Nacional para se conhecer minuciosamente das necessidades e deficiencias de quanto se refere ao ensino elementar publico para, sobre a base das respostas, se enviar depois ao Governo uma reclamação e exposição bem fundada.

A 3.ª questão foi debatida pelos Snrs. Dr. Ramalho Ortigão, Dr. Alberto de Sousa, Dr. Antonio Judice, Dr. Bernardo Lopes, Dr. Sebastião Pinto, especialmente.

O Snr. Dr. Alberto de Sousa propõe que a exemplo de certas organizações extrangeiras, se condensem as verbas possiveis provinciaes e centraes numa instalação hospitalar modelo, com laboratórios completos de radiografia e analises chefiada por praticos (radiologista e quimico) habeis e bem pagos e disponha de todo o material necessario para as mais delicadas e complexas intervenções. Como subsidiárias desta instalação central modelo organisar-se-iam postos de socorro ou de pequena enfermagem, pequenos nucleos hospitalares nas sedes de varios concelhos, tendo á sua disposição ambulancias-auto-cars de transporte, para se encaminharem os doentes ao hospital Central.

Assim se evitaria a pulverisação e dispersão esteril de verbas, sem proveito para ninguem, obrigando á remessa constante e onerosa de doentes delicados para os hospitais de Lisboa, por não ser atualmente possivel trata-los aquí, em certas circunstancias e isto apesar de existirem na provincia clinicos da maior competencia, inutilisados por falta de elementos perfeitos de trabalho.

Sobre as verbas consignadas para a provincia pela Direcção Geral de Assistencia toda a comissão se pronuncia pela sua flagrante e injusta desproporção com os rendimentos pelo Algarve fornecidos ao poder central.

Todos os presentes acordam em pedir ao Governo, em face das concesões feitas a outras provincias, um tratamento *de equivalen-*

(Conclue na 2.ª pagina)

CARTA DE LISBOA

Novo titulo de Credito Comercial. Um d'estes dias atravessava eu o Rocio, a passo estugado quando me surge pela frente, a barrar-me o caminho, um amigo armazenista que só de longe em longe costumo encontrar.

—Que me diz d'esse novo projecto de Lei com que o Salazar quer brindar o Comercio, depois das grandes contribuições que nos impoz?

—Que projecto?

—O do novo titulo de credito.

—Li apenas por alto no *Diario de Noticias*...

—Mas que tal acha?

—Acho bem, transformar as facturas em titulo negociavel e cobravel como as letras.

—Eu já advinhava a sua opinião. Para si o seu amigo Salazar faz sempre tudo bem feito...

—Amigo?! Está errado. Eu nem sequer o conheço. Se o vir na rua não sei dizer quem é.

Creio que nunca o vi e tenho a certeza que nunca lhe escrevi, nem a felicital'o nem a solicital o. Já uma vez fui com outros ao ministerio das finanças entregar uma representação—mas ele não estava. Mas o que tem de mau o decreto para você estar já ahi a dar largas á sua furia revolucionaria?

—Ora essa!... Aquilo é mais um elemento para tornar a vida cara e vir complicar o trabalho comercial. E' preciso não saber nada do comercio para fazer uma coisa d'aquelas.

—Não ponha os comentarios antes do facto. Diga o que na sua opinião tem de mau o decreto e cuspa depois.

—O que tem de mau?... Obriga a selar todos as facturas de mais de quinhentos escudos que teem de ser assignadas pelas duas partes contractantes e condena incobraveis todas as que não estejam nestas condições.

E' preciso não saber nada do movimento comercial, para exigir taes coisas.

—Porquê?

—Porque da forma como o comercio está, há muitos que depois de receberem a mercadoria não hão de querer por pretextos diversos, submeter-se á assinatura e os fornecedores ficam desarmados para receber o seu dinheiro. Alem disso, o selo exigido representa um nôvo e pesado tributo que só pode fazer encarecer a vida e atrahir sobre o comercio a má vontade e até o odio dos consumidorrs.

—Eu não sei até que ponto podem ser legitimas as suas razões, descontados os 50% do seu odio á situação.

Mas já vi que as associações da sua classe pediram para serem ouvidas e com certeza o serão. Elas saberão expôr as suas rasões e tenho a certeza que serão atendidas em tudo o que fôr justo, porque não creio que o ministro seja d'aqueles que desprezam por vaidade ou por part pris as reclamações que lhe fazem.

—Para si o Salazar é assim como um d'aqueles homens de *virtude* que vivem pelas aldeias embarrocadas da provincia.

Tudo o que ele diz, tudo o que ele faz, é para vossê o evangelho. Ora, meu amigo, arranje-lhe um palmito e um altar e ajoelhe...

—Ahi está vossê a tripontear o seu jacobinismo, a pôr a liberdade da legião vermelha a diante da sua rasão e até da sua propria conveniencia.

—E' que vossê não vê outra coisa e nem sequer quer notar os fiascos d'essa politica que tanto aplaude.

—Que fiascos?

—Olhe, o da lei que tirou aos pequenos acionistas dos bancos o direito de votar e de falar nas assembleias. Ficaram só os grandes para *estafar* á vontade as economias de todos.

—A culpa foi de vossê e dos seus amigos que foram buscar os rufias e os cadastrados enchendo-lhe os bolsos de acções unicamente para fazerem desordem e espantarem os que são inimigos de barulho e de violencia, assim como foram os abusos das suas hostes e a indisciplina e o cahos do poder e das finanças publicas, o tripudio das forças de desordem na administração do paiz, que trouxeram a ditadura.

—Para você tudo isto está muito bem.

—Para estar melhor basta não haver revoluções que só desacreditavam a nação e só consumiam as nossas energias e o nosso dinheiro, mantendo o paiz n'uma surda guerra civil em que nunca se sabia o que seria o dia de amanhã. Há perto de quatro anos que d'essas revoluções só se vêem alguns deportados e vario material de guerra. E' seguramente melhor resultado que ver alguns mortos, alguns mariolas tripudiando á custa dos ingenuos e dos puros, e o credito do paiz de rastos a sangrar.

E se esta ditadura, que é inimiga da desordem e da indisciplina, ainda dura, é porque a revolução não cansou, é porque as forças que a geraram continuam a querar ressuscitar. As ditaduras não são movimentos duradoiros nem estaveis: desaparecem com as causas que as fizera surgir.

Ha uma luta entre a ordem e a desordem. Desta luta nunca pode surgir o que voçês querem porque o tempo e os factos não passam baldadamente sobre nós todos.

—Você hoje está *maduro*...

—Adeus.

—Já estava hontem... Adeus.

* *

O tempo. Um frio de rachar em dias limpidos cheios de sol, com as casas a abarrotar de doentes e os cemiterios a encherem-se de mortos.

Todos os dias as necrologias dos jornais veem repletas de anuncios funebres. E' um periodo terrivel para os organismos envelhecidos, depauperados ou doentes.

Mas nem por isso a vida deixa de correr ruidosa por essas ruas da cidade e alegre por esses clubs onde a gente rica se pode divertir. E' a lei suprema que ela impõe: o aniquilamento dum lado, a alegria e o movimento do outro e ainda bem que é assim.

* *

Os algarvios em Lisboa. Hontem no Leão triste, ali pé da estação do Rocio, encontrei-me com os amigos Virgilio Caiado, Sebastião Martins e Antonio Bentes, que ali estavam jantando e a quem tive o prazer de abraçar, moços que todos fazem parte das atividades realizadoras do Algarve. E como a Antonio Bentes não via ha perto de dois anos, grande foi a minha alegria em o ver e em o abraçar nesta fugitiva visita em que ele, com certeza, veio tratar de negocios. Boa viagem.

* *

Bancos. Continua enevoada a atmosfera. Descontos não se fazem senão a curto prazo e quasi por excepção. Os boatos que tem corrido fazem retrahir as operações bancarias com receio de corridas insolitas. As reservas não podem acudir ás necessidades do comercio com receio de terem de acudir á desconfiança dos depositantes. Vê-se porem que os pequenos bancos são, no nosso paiz, os mais cautelosos e que todos se teem galhardamente aguentado. Sabe-se já que um grande banco não dará dividendo este ano. Este facto terá felizes consequencias para o seu credito por muito paradoxal que pareça esta afirmativa. E' que isso dará logar a uma nova administração que será, por certo, melhor do que a que o levou á decadencia em que se acha. Equivalerá a uma transfusão de sangue, ou seja a uma mudança de processos, a uma libertação de prati-

(conclui na 2.ª coluna)

«COSTA VERMELHA»

A Praia da Rocha

A Adoração dos Reis

8 de Jan.º 1931

Alguns dias depois, tres Magos chegaram da Caldeia e ajoelharam-se deante de Jesus. Vinham talvez de Esbana, talvez das praias do Mar Cáspio. Montados nos seus camelos, com as bolsas cheias pendentes das sélas, tinham ladeado o Tigre e o Eufrates, transposto o grande dezerto dos Nomadas, costeado o Mar Morto. Uma estrela nova—semelhante ao cometa que aparece de vez em quando no céu para anunciar o nascimento dum Profeta, ou a morte dum Cezar—tinha-os guiado até á Judéa. Vinham para adorar um Rei e achavam um recemnascido semi-nu, oculto num estabulo.

Quasi mil anos antes, uma Rainha do Oriente tinha vindo em peregrinação á Judêa e trouxera tambem as suas dádivas: Ouro, arômas, pedras preciosas. Mas encontrara um grande Rei no seu trôno, o maior rei de quantos reinaram em Jerusalém, e de quem ela aprendeu o que ninguem lhe soubera ensinar.

Os Magos, que se julgavam mais sabios que os Reis, acharam, pelo contrario, uma creança que, feita homem, havia de desprezar os tesouros da materia.

Os Magos não eram reis, mas eram, na Média e na Persia, senhos dos reis. Os reis governavam os povos, mas os Mágos guiavam os reis. Sacrificadores, interpretes de sonhos, profetas e ministros, só eles podiam comunicar com Ahura Mazda, o Deus Bom, só eles conheciam o futuro e o destino. Matavam por suas mãos os animaes nocivos, as aves nefastas. Purificavam as almas e os corpos; Deus só aceitava os sacrifios oferecidos por eles: nenhum rei fazia a guerra sem os ter ouvido. Possuiam os segredos da terra e os do céu; privavam entre a sua raça em nome da sciencia e da religião. Em meio dum povo, que vivia pela matéria, representavam a parte do Espirito.

Era justo, pois, que viessem curvar-se deante de Jesus. Depois dos animaes, que são a Natureza, depois dos pastores, que são o Povo, uma nova potencia —o Saber—se ajoelha ante a Mangedoura de Betlém. A velha casta sacerdotal do Oriente faz acto de submissão ao novo senhor, que enviará para o Ocidente os seus mensageiros: os sabios ajoelham-se perante aquele que sugeitará a Sciencia das palavras e dos numeros á nova sciencia do Amor.

Os Mágos em Betlem significam as velhas teologias, reconhecendo a revolução difinitiva; a Siencia, humilhando-se deante da Inocencia, a riquesa, prostrando-se aos pés da Pobresa.

Eles oferecem a Jesus o ouro que Jesus ha-de espezinhar; não o oferecem porque Maria, pobre, dele precisa para a sua viajem, mas sim para obedecer antecipadamente ao conselho do Evangelho: vende o que possùis e dá-o aos pobres.

Não oferecem o incenso para vencer o mau cheiro do Estabulo, mas porque as suas liturgias se aproximam do fim e eles vão deixar de ter fumo e perfumes para os seus altares. Oferecem a mirra que serve para embalsamar os mortos, porque sabem que aquela creança ha-de morrer cêdo e a mãe, que hoje sorri, precisará de aromas para embalsamar o cadaver. Ajoelhados nos seus sumptosos mantos reaes e eclesiasticos, sobre a palha acamada, eles, os poderosos, os doutores, os adivinhos, oferecem-se tambem a si mesmos como penhores da obediencia do mundo.

Jesus obteve assim todas as investiduras a que tinha direito. Mas os Magos se retiram, começam as perseguições dos que o hão-de odiar até á morte.

E' o que reza a historia de Cristo.

Nos nossos tempos, este solene dia é consagrado pelo povo aos homens honrados; por isso em numerosos bandos, ele ahi vae de porta em porta, entoando canticos em louvor do Divino Redemptor e fazendo vêr que os deserdados da sorte tambem tem direito á vida e quem dá aos pobresinhos empresta a Deus. Bendita Tradição que nos ampara e conforta, dulcificando assim as agruras da nossa vida!

* * *

Continuam afanosamente os trabalhos de completa reparação e remodelação da grande Ponte metalica sobre o rio de Portimão, os quaes estão a cargo da proficiciente e considerada casa Dargent, de Lisboa, e que, concluidas, constituirá sem duvida, uma das obras de maior vulto e engrandecimento da nossa provincia.

Nos proximos dias, 12 e 13, fica inteiramente vedada a passagem de vehiculos e solipedes apenas por úmas horas, sendo no primeiro dia, das 18 horas em deante, e no segundo a começar das 15 horas.

Para os devidos efeitos assim o comunicamos.

* * *

Com duas grandes enchentes e lotações exgotadas, apresentou-se ante-hontem e honteno no nosso Cine-Teatro de Portimão, a Companhia «Alma Luza», constituida por artistas scenicos e musicaes de Lisboa. Da sua organisação artistica fazem parte: Maria Salomé, Aurora Dubini, Maria Alice d'Almeida, Fernando Pereira, Jorge Barradas, o bailarino José Vital, e finalmente o clou d'esta organisação artista a «Cruz e Dance Orquestra» que na Exposição de Sevilha obteve um ruidoso sucesso e composta pelos artistas: Almeida Cruz, violinista e seu dirigente; J. Carvalho Santos, piano; Marques Dias, saxofone e acorden; Artur Lagre, trompete; Casimiro Adão, clarinete, saxofone tenor e contra baixo; Armando Coutinho, trombone de varas e Adriano Portugal, jazz e violino.

Os 7 artistas teatraes deram-nos a conhecer quatro despretenciosos trabalhos, que por o serem, não deixaram de merecêr toda a nossa simpatia. Foram as revistas em 1 acto e 7 quadros: «O Chá das cinco» «Cantigas são cantigas» «Os Sete Pecados Mortaes» e o entre acto «Intriga d'Aldeia», desempenhadas a contento geral, por todos os seus conscienciosos componentes, n'um conjunto homogeneo, e por vezes, mesmo brilhante. Assim diremos que Fernando Pereira, possuindo bôa voz, melhor a valoriza com a sua escola de canto; Jorge Grave na sua comprovada faceta comica; Maria Salomé, muito azougada, gentil e vestindo com gosto; Maria Alice, esbelta e ladina; Aurora Dubini e Alvaro Barradas, extremamente correctos. Deixamos para o fim o nôvel bailarino José Vital, que tem bôa figura e apresentação, mas que está certamente na aurora da sua carreira. Tem porem um assignalado futuro se se entregar a um comprovado mestre. Secundou-o por vezes e com a maior gentileza a sua colega Maria Salomé.

Da musica, da autoria dos maestrinos Marques Dias e Camilo Rebocho, no geral viva e saltitante, agradou-nos sobremaneira, com excepção a dedicada aos fados, que não achamos apropriada. A sua execução a cargo da «Cruz's Dance Orquestre» foi sempre superior.

O Guarda roupa limpo e de gosto e os scenarios estilisados e modernistas, fazendo enveja a uma troupe de bonecas...

Na revista Cantigas são can-

A União Nacional

continuação da 1.ª pagina

cia, como é de inteira e elementar justiça, concedendo-lhe verbas que estejam numa relação justa com a posição do Algarve na economia nacional.

Em resumo, a 1.ª sessão de trabalho da Comissão Distrital da União Nacional marcou claramente a seguinte directriz: interesse maximo por todas as questões da vida provincial sob todos os seus mais varios aspectos, *inteiro alheiamento da politica pessoal estreita e nefasta que tem sido um dos nossos maiores males* e vontade e intenção sincera de colaborar na obra de reconstrução da vida, do caracter e da economia nacional, em que tanto parece empenhar-se o actual Governo.

---

tigas, aparece uma Canção Algarvia, que lhão nos convence, pois será tudo... menos nossa

E para feche da nossa critica juntemos os nossos mais estrepitosos aplausos á explendida e bizarra «Cruz's Dance Orquestra» que todo o publico poatimonense, premiou com os mais quentes e prolongados aplausos. E' pena que ela não seja completissima, pois que o Jazz não está em harmonia com tão distintos artistas, e o acordeon é deficiente, e o seu solista não está n'êle á vontade, resentindo-se de tal a execução dos Tangos, e ainda á falta de violas que é bastante sensivel.

Do seu vasto e primoroso reportorio, destacaremos os numeros burlescos: «Tricanas d'Aveiro» musica do maestre Frederico de Freitas; «Porco com Feijão» Fox-Trot, com solo de clarinete pelo professor Casimiro Adão, que se houve sempre brilhantemente e d'um comico irresistivel; «O' Gi Gi... Fox-Trot; «Guerrida» Fox-Trot; «Uma estação na Russia»; «Seu Delfim tem que voltar» Maxime, sólo de trombone pelo seu autor, o professor Armando Coutinho, executado com raro entrain; «Beijo d'Amôr» Fox-Trot, de Cruz e Sousa, cantado muito bem por todos os seus eximios executantes. Além d'estes varios numeros teriamos de salientar, se o espaço não nos faltasse, no entanto queremos ainda salientar: «Vaidade» sólo magnificamente executado pelo professor de saxofone Marques Dias; «Aida, da selecção da opera»; «Quo Vadis» etc.

Tambem os actores Fernando Pereira e Maria Salomé cantaram com brilho varias canções, assim como os seus executantes cantaram outras, principalmente tangos.

Justo é ainda destacar o distinto violinista Almeida Cruz, chefe de tão belo agrupamento, verdadeira alma de artista e que transmite dos os seus componentes um elan dificil de superar, e que, possuindo uma bem timbrada voz, executa varios solos de canto, secundados com entusiasmo pelo côro impagavel dos seus colegas, especializando como atraz dizemos, pelo seu simpatico colega Casimiro Adão.

E tão bela impressão nos ficou, que no seu regresso de Faro, volveremos a ter dois novos espectaculos. Bôa viagem e bonne chance são os nossos votos mais ardentes e fervorosos.

Antonio J. Magalhães Barros

Ha 44 anos

— de —

"O DISTRICTO DE FARO"

De 20 de Janeiro de 1887

Acabam de chegar a este porto, vindos de Lisboa, uma locomotiva, alguns vagons e uma porção de travessas de madeira para serviço da empreitada de construção do caminho de ferro entre Faro e Boliqueime.

—

No mercado de Beja o preço do gado suino é actualmente de 2$300 a 2$500 reis por quinze kilogramas.

—

Faliu no Porto a empreza dramatica Joseph Dallot.

F. V. M. Corte Real

Medico cirugião

Clinica geral e dentaria

Consultorio: P. D. Francisco Gomes, 15

Residencia: Rua de Portugal

Carta de Lisboa

Continuação da 1.ª página

cas deleterias que teem concorrido para a crise, que, mais ou ou menos, a todos tem afectado.

A ação ecergica do sr. Ministro das Finanças tem produzido um poderoso efeito salutar e, desde que prosiga, conseguirá impor o respeito e a confiança que as numerosas derrocadas fraudalentas teem fundamente abalado.

E' necessario impôr as cauções precisas para garantir as economias que os depuzitantes confiam aos bancos. Não faz sentido que seja metido na cadeia, antes mesmo das necessarias e indispensaveis averiguações, o cidadão a que se confiaram para determinado fim uns centos de mil reis e as vezes apenas uns metros da fazenda réles e continue a passeiar e gastar quatro contos de reis por mez, apenas nas despezas da casa, um banqueiro que eu conheço que com outros socios roubaram aos depositantes seis mil e quinhentos contos de reis.

E digo *roubaram* porque eles nunca explicaram satisfatoriamente em que tinham feito desaparecer esse dinheiro.

Já com o Banco Industrial sucedeu o mesmo.

Lá por fóra não se dá isso. Em França, no ano tranzacto, foram prezos 180 banqueiros acusados de abuso de confiança e burla. Muitos foram condenados e estão na cadeia e outro, esperam julgamento.

E o poderoso banqueiro Oustric, que subornou varios deputados, lá está na cadeia apezar das vastas e altas influencias que teem conveniencia em o defender.

E' preciso que a lei seja egual para todos. Uma banca honesta e respeitavel é um elemento primordial para a economia e para o comercio de qualquer paiz.

TEATROS E CINEMAS

Companhia Alma Luza

Dá hoje o seu ultimo espectaculo em Faro a notavel companhia «Alma Luza» que n'estas duas ultimas noites tão grandioso sucesso obteve no Cine-Teatro com as suas revistas, numeros de canto e danças e com o formidavel *Cruz's Dance Orquestra*. Não vai ficar hoje um lugar vago no Cine, para despedida da simpatica troupe, pois a procura de bilhetes tem sido extraordinaria.

Cine-Teatro

Na proxima quarta-feira exibe-se um programa que se pode considerar de sensação, pois n'ele figura a produção de grande classe, em 11 partes, *Sherhezade*, um filme grandioso de arrojada realisação, que está percorrendo todos os bons cinemas do mundo.

Sherhezade é uma assombrosa realisação de raro poder fantasista. As suas scenas coloridas são uma estupenda criação da mais requintada arte e todo o seu enredo constitue um sonho oriental de incomparavel encanto. Este filme extraordinario tem ainda a valorisá-lo o desempenho de Ivan Mosjoukine, Dita Parlo, Nicolas Koline e Ivan Petrovitch, quatro grandes figuras do cinema.

Curso de francês

Regido por professora fsancesa, parisiense.

Rua Castilho, n.º 9

—: FARO :—

Missa do 30.º dia

Conselheiro-Dr. Teixeira d'Abreu

Na proxima terça feira, pelas, 10 horas, celebrar-se-ha na Igreja da Misericordia, uma missa sufrrando a alma do sr. Conselheiro -dr. Teixeira d'Abreu, mandada rezar pelo dr. Correia Leal.

MUNDANISMO

MAMÁ

Seus olhos perdiam-se na escuridão. Haviam-no obrigado a deitar-se; porém. teimosamente, não queria dormir. Mamã ainda o não tinha vindo beijar. Tardava. Porque não viria? Ela deveria surgir de mansinho, como nas outras noites. Bebé esperava por aquele beijo. Todo o dia a não vira. Que dia aquele! De tarde viera muita gente. Vestiam de preto e choravam. Bébé vira. O pae ordenou que o levassem para longe. Bébé obedeceu, mas viu um carro todo negro, que lhe meteu horror. Meteram nele uma caixa cuja forma o inquietou. Que seria? Ouviu chamar-lhe um caixão que ia para o cemiterio. Bébé lembrava-se do cemiterio. Do alto do pinhal via-se o amontoado de casinhas brancas. A mamã, quando olhava para lá sofria. Apertava-o de encontro ao peito e chorava. Uma vez tossiu e deitou sangue, muito. Mas isso não era motivo para que o não viesse beijar. Que fazia áquela hora? Que havia saido podia lá ser com uma noite daquelas! Tanto frio e tanta chuva, Deus do Céu! Bébé estava nervoso. Não podia dormir. Levantou-se. Teve um arrepio. Meteu corredor adiante. Falavam na cosinha. Bébé ouviu e todo ele tremeu Sempre era verdade? Mamã estava no cemitério? E se ele a fosse buscar? Como estaria a pobrezinha com uma noite daquelas? Bébé saiu. Ninguem o ouvira. Achou-se no jardim. A chuva caía em caudais. Estava escuro como breu. Nada via, mas não se pódia enganar. O caminho era a direito. Depois do pinhal lá estavam as casinhas brancas, com as quais ele desejaria brincar. E lá foi descalço, com a camisinha colada ao corpo, toda molhada, Não sentia frio: a chuva não fazia mal; ele ia buscar a mamã. Sentia os pesinhos maguados. Deviam ter sangue; não importava. Era sempre a direito e o pinhal devia estar perto. A seguir, embaixo, o amontoado das casinhas brancas, Um sussuro despertou-lhe a atenção. Era água, muita água. A levada ia cheia. Não se admirou. Há tanto tempo que chovia! Meteu-se na vala. A principio sentiu mais frio depois já estava quente. Continuou avançando. A corrente impetuosa arrastou-o. Bebé teve medo. Gritou, lutou e chorou. Depois a sua vósinha ecoou trémula, como numa agonia aflictiva:

—Mamã!... Mamã!...

Mais nada. A água continuou correndo, forte e vitoriosa.

Lisboa, Janeiro, 1931

Tiago

Fazem anos

Em 21. Francisco José Pinto.

Em 24. D. Georgina Barroso Serrão e José Gaudencio Barbosa.

Em 25. Armelim Rodrigues.

Partidas e chegadas

Deu-nos o prazer da sua visita, na sua curta estada nesta cidade, na quinta feira, o nosso amigo e assiduo colaborador d'*O Algarve*, sr. Antonio Judice de Magalhães Barros, que nesse mesmo dia retirou para o seu palacete na Praia da Rocha.

*

Seguiu de Lisboa para o Alentejo o sr. Virgilio Caiado, que em breve deve regressar a Faro.

*

Esteve em Lisboa o nosso amigo sr. Antonio Bentes.

*

Esteve nesta cidade, tratando de assuntos da sua casa comercial, o nosso presado amigo sr. Caetano Feu, importante benquisto Industrial de Portimão.

*

Esteve em Lisboa o sr. Pedro Machado, gerente da casa bancaria Manuel Dias Sancho.

*

Tem estado nesta provincia, em serviço, o engenheiro da Junta Autonoma de Estradas, o sr. Afonso Zuquete.

*

Partiram para Lisboa onde pouco se demoram, as sr.as D. Guilhermina e D. Artimisia de Almeida Alvares.

Nascimento

Deu á luz uma criança do sexo masculino a esposa do nosso presado colador sr. Henrique Braz Leote.

Casamentos

Na paroquial igreja dos Anjos, realisou-se o casamento da sr.ª D. Maria Arbina Monteiro e Silva, filha da sr.ª D. Maria Alexandrina Monteiro e Silva e de seu esposo, o sr. Eugenio Silva, escrivão do Tribunal do Comercio de Lisboa, com o sr. Manuel Salvador de Oliveira, funcionario do Banco de Portugal.

Paraninfaram o acto, por parte da noiva, as sr.as D. Mariana Nobre Silva e D. Amelia Monteiro Cordeiro, respectivamente, suas tia e prima: e por parte do noivo, sua irmã, a sr.ª D. Maria do Carmo Salvador de Oliveira e o sr. Carlos Alberto de Campos e Sá, inspector-chefe do Banco de Portugal.

No fim da cerimonia foi servido em casa dos pais da noiva, aos convidados das duas familias, um finissimo «copo de agua», que decorreu muito animado. Na corbelha dos noivos vima-se numerosas e elegantes prendas.

Serviço de automovel que conduz o Seculo para Olhão

O automovel, em que são transportados os exemplares do «Seculo» de Faro a Olhão, aos domingos, terças, quintas e sabados, á chegada do comboio n.º 2409 que vem de Lisboa pelo Alentejo e Vale do Sado e chega a Faro ás 22.11, pode aproveitar os passageiros que se dirijam a Olhão, pelo preço de. 5$00, ou alem desta localidade.

Para informações dirigir á Livraria Capela, de Faro, donde se faz a partida ou á sua sucursal em Olhão.

O dia das Associações Agricolas

O Presidente da Federação dos Sindicatos Agricolas do Algarve, do Sindicato Agricola de Faro e da Caixa de Credito Agricola Mutuo de Faro, faz publico que por determinação de Sua Ex.ª Ministro da Agricultura, o dia 25 do corrente mez será denominado «O Dia das Associações Agricolas», considerado festivo no meio rural e que lhe seja dado todo o brilho e solenidade. Para isso realisar-se-hão em todas as localidades, onde os serviços daquele Ministerio exerçam a sua acção, conferencias de propaganda do principio *associativo entre os agricultôres*, preconisando as vantagens da *organisação de Sindicatos e cooperativas de produção e venda e caixas de credito rural*

Pede por isso a todos os agricultores que concorrem naquele dia aos seus Sindicatos que são a casa do lavrador e convida todos os lavradores em geral e especialmente aos agremiados nas Associações supra a assistirem ás conferencias que se realisarão na sala da Camara Municipal desta cidade ás 14 e meia horas do citado dia 25.

A Sua Ex.ª Reverendissima o sr. Bispo do Algarve, ao seu devotado clero, ao Professorado Secundario e Primario, ao Funcionalismo Civil e Militar, ao Corpo Clinico e á imprensa, todos os quais sentem o contacto das ultimas camadas da classe agricola, pede o seu concurso valiosissimo para a divulgação deste generoso intuito do Poder Publico.

A's Ex.mas sr.as da Sociedade de Faro, a todas as donas de casa, enfim, a quem não menos interessa o associativismo, cooperativismo e mutualismo agricolas, pede finalmente que honrem e alegrem este acto solene com a sua presença.

Companhia Maritima do Algarve

S. A. R. L.

Nos termos do Art.º 15. e para os efeitos do Art.º 20.º dos Estatutos, convoco os senhores Accionistas a reunir em Assembleia Geral ordinaria, no escritorio da séde, pelas 21 horas do proximo dia 30 do corrente.

Não havendo numero suficiente fica desde já convocada nova reunião para o dia 7 de Fevereiro proximo, no mesmo local e hora acima indicada.

Faro, 13 de Janeiro de 1931

O Presidente da Assembleia Geral

(a) *João Francisco Lã*

Companhia de Pescarias do Algarve

S. A. R. L.

SEDE EM FARO

Convocação da Assembleia Geral Ordinaria.

Para os fins designados no art.º 20 dos nossos Estatutos e em harmonia com os art.os 137 e 138 da Lei n.º 16.731, de 13 de Abril de 1929, convoco a reunião da Assembleia Geral para o dia 8 de Fevereiro proximo, pelas 14 horas, na séde da companhia, Praça D. Francisco Gomes 38, Faro.

Faro, 12 de Janeiro de 1930

O Presidente da Assembleia Geral

(a) *João Alvaro Pestana Girão*

Companhia de Pescarias do Cabo de Santa Maria Ramalhete e Forte

S. A. R. L.

Sede em Faro

Para os fins designados n.º 2 do artigo XXVIII dos nossos Estatutos e em harmonia com os artigos 137 e 138 da lei n.º 16 731, de 13 de Abril de 1929, convoco a reunião da assembleia geral ordinaria para o dia 31 do corrente, pelas 14 horas, no escritorio da Companhia em Faro, Estrada de Sagres.

Ordem de trabalhos:

Examinar, discutir e votar o relatorio, contas e balanço apresentado pela Direcção e parecer do conselho fiscal sobre a gerencia de 1930.

Não havendo numero e representação de capital suficiente para a Assembleia poder funcionar, fica desde já marcado para o mesmo fim o dia 15 de Fevereiro proximo futuro, no mesmo local e á mesma hora.

Faro, 12 de Janeiro de 1981

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Justino de Bivar Weinholtz

Comarca de Faro

No dia 25 do corrente mez de Janeiro, pelas 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comárca, nos autos civis de execução por custas em que o sr: Ministerio Publico é exequente e executado Antonio Elena ou Antonio Rato, casado, agricultor, do sitio da Arjena, freguesia da Conceição, se-hão-de pôr em terceira praça sem valor e arrematar a quem maior lanço oferecer, o seguinte movel ali residente e pertencente ao executado: Um carro de carga de uma só cavalgadura.

Por êste mesmo anuncio ficam citados quaesquer credores incertos para assistirem, querendo, á arrematação.

O Escrivão do 3.º oficio

Bernardo José Ferreira

Verifiquei: O Juiz de Direito

J. Almeida Homem

TIPOGRAFIA

— DO —

ALGARVE

Esta casa, que não teme a concorrencia das suas congeneres, garante aos Ex.mos clientes a maxima perfeição e rapidez em todos os trabalhos tipograficos, taes como: jornaes, livros, memornaduns, papel timbrado e envelopes, etc. etc.

Impressões a côres

Tambem se aceitam encomendas fornecendo o freguez o papel

Atendem-se quaesquer pedidos que, de toda a parte da provincia os ex.mos clientes necessitem, os quaes serão satisfeitos com a maxima rapidez

Quem tiver amor ao dinheiro e tenha gosto, deve procurar quem melhor e mais barato o sirva

Com pouco Capital

Trespassa-se uma pequena industria de facil aprendisagem e execução.

Dirigirem-se a J. S. Pinto, das 11 ás 17 na Rua Conselheiro Bivar n.º 81, 1.º Esquerdo—Telefone n.º 184—FARO.

Angariadores de Seguros

Precisam-se para trabalhar á comissão em varios ramos de seguros, com companhias de primeira ordem, nos distritos de Faro e Beja,

Tratar com a Secção de Seguros da Casa Bancaria Anibal Martins Caiado-Faro.

PELA PROVINCIA

TAVIRA

Realiaza-se no dia 27 de Dezembro ultimo uma recita de caridade, em beneficio do Hospital desta cidade, que constou de algumas fitas e um recital musico-literario.

Na 2.ª parte prestaram a sua coadjuvação algumas meninas da nossa primeira sociedade, bem como as Ex.mas Sr.as D. Maria do Carmo Alberto e Candida Alberto, de Olhão.

Graças aos esforços de uma comissão de senhoras, o teatro estava á cunha.

No final da 1.ª parte veio ao palco o sr. Jorge Ribeiro, provedor da Misericordia e historiou os principais topicos da sua gerencia, os melhoramentos feitos no Hospital e balnéario da Atalaia, o total das despesas e receitas e a fórma como estas últimas foram aplicadas.

Executáram tambem lindos numeros de música os srs. Virgilio Costa e D. Gregorio Piecho.

—Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa o sr. tenente Francisco Solésio Padinha.

—Passa melhor dos seus sofrimentos o sr. general José Ignacio de Melo Pereira de Vasconcelos.

—Faleceu no dia 28 a Ex.ma Sr.ª D. Bebiana Peres, esposa do sr. Dr. Joaquim Peres, major medico aposentado.

—Tambem faleceu no dia 29 o sr. José Tomás Pires Correia de Azevedo, major reformado e propriétario. Era tio do sr. brigadeiro João Estevão Aguas e do sr. Tomás Antonio Simões Pires, abastado propriétario.

Ás familias enlutadas, as nossas condolências.

Chaufeur pratico

Oferece-se para qualquer parte do paiz.

Dirigir carta a esta redacção ás iniciaes F. B. C.

PREDIO NOVO

Sem Inquilinos

Situado em Faro, ao principio da Estrada da Sr.ª da Saude, composto de duas moradas de casas com amplos quintaes e varandas; boa construção, cobertura de cimento armado, madeiras de flandres, **isento de contribuição por 10 anos e pagas apenas um por cento de cisa.**

Muito ar, muita luz, lindavista.

Vende em conjunto ou separadamente A. Santos, Rua Serpa Pinto, 110—FARO.

Horta dos Macaco

Vende-se perto de Faro na Estra de Olhão.

Facilita-se o pagamento.

Aceitam-se propostas na Rua de Santo Antonio, 103—Faro.

20$00

Fato pronto a vestir na Alfaiataria

Ventura Gago Lopes Faisca

Casco de Barco

A gazolina, vende-se um com 7m de comprido, popa redonda com bancadas, proprio para passageiros. Lotação 20 a 25 pessoas.

Quem pretender dirija-se a Augusto Aguileira Gutierres Avenida da Republica, 73—Vila Real de Santo Antonio.

CORTIÇA

Vende-se a da herdade «Fonte Sem Agua» freguezia do Cercal do Alentejo.

Tratar com o proprietario, Francisco Paula Soares, Rua dos Infantes 32, Evora.

Alfaiataria da Moda

33—R. Conselheiro Bivar—35

Executa todo o trabalho para senhoras e homens pelos processos mais praticos e modernos.

Preços modicos.

Daniel Ribeiro de Faria

PAGINA QUINZENAL DE "O ALGARVE"

Finanças, Comercio, Industria e Agricultura

18-1-931 — *Dirigida por* FERNANDO PACHECO — N.º 16

Cronica da Quinsena

NOVA EPOCA

Desde ha pouco tempo que o País sente um assoprar rijo que não é prenuncio de tempestade, antes se transmuda em rajada de bom senso.

Todos os ramos da actividade nacional, postos á prova pelo egoismo feroz de alguns e pela apatia ou fundo desinteresse de muitos, careciam de novos alentos, de qualquer insuflador de novas energias.

Essas más qualidades que estavam empurrando a actividade nacional para a beira do abismo, tinham tambem origem nos que, detentores do mando, deviam ser os primeiros a pugnar pela seu alevantamento, pelo seu progresso.

O abismo que, não ha muito, se aproximava a cada instante, ameaçando ruir tudo quanto isoladamente cada um creou, depara-se-nos agora um pouco mais distante.

Se isto se deve em grande parte a alguns impulsionadores ou fomentadores da riquêsa nacional, menor parcela não compete por certo á imprensa que vem secundando os porfiados esforços desses batalhadores. E diga-se de passagem que a pequena imprensa, que secunda esses esforços e que só olha ao progresso da Nação, não dá a a sua parte de auxilio sem sacrificio e digamos bem pesado por vezes.

Todo este esforço renovador, que notamos e divulgamos, éra bem necessario ao nosso paiz para não continuar marchando na retaguarda dos outros povos. Bem sabemos que não representa tudo, mas alguma coisa é já na nossa historia economica contemporanea.

E o que pretende e devemos pretender? São varios e complexos os problemas que se antolham á vista de qualquer. O saneamento financeiro, uma industria e um comercio bem orientado e moldado em directrises firmes; uma agricultura prospera e baseada numa cooperação organisada segundo os novos processos de selecção e venda, e ainda um regime economico sério e capaz de favorecer o desenvolvimento industrial, comercial e agricola.

Nnguem, por certo, dirá queestes problema não necessitam de resolução e duma propaganda intensa.

A unica politica do nosso país deve unicamente enraizar-se nos problemas vitaes da Nação, porque sem uma industria, um comercio e uma agricultura prosperas não ha povos que se consigam impôr.

E não devemos esquecer que Portugal tem por obrigação bastar-se a si proprio, fomentando as suas riquesas metropolitanas e coloniais.

F. P.

*

O ganso azul é uma ave do norte do Canadá e embora seja conhecida ácerca de 10 anos, só ha pouco se descobriu o primeiro ninho.

*

A ultima colheita de algodão do Congo Belga atingiu 10.000 toneladas, o que representa uma quarta parte da importação da Belgica. Devido á baixa da cotação o ministro das Colonias acolheu favoravelmente o pedido das emprêsas interessadas, para a diminuição dos encargos fiscais e das tarifas de transportes.

*

O galo pode transmitir a raiva se for mordido na crista por um cão raivoso, segundo afirmam os srs. P. Rembirger J. e Bailly.

Dr. Armenio França e Silva

Médico-Veterinario

LOULÉ

A cultura dos jacintos

Fragranecia beleza ornamental com as suas flores de cores vivas e lindas, taes são os jacintos, as plantas que em nossas casas anunciam a primavera ornamentando a nossa meza de jantar ou o *gueridou* da nossa sala de visitas.

Merecem um pouco de atenção essas belas flores de tão facil cultura e de tão variadas cores.

Os jacintos da Holanda são os melhores, porque os holandezes fizeram dessa cultura, a que o seu clima tão magnificamente se presta, uma verdadeira especialidade. Teem-nos de todas as côres, azues de um azul carregado, vermelhos, amarelos, brancos e de outras nuances, sem contar os simples e os dobrados.

Os simples são os preferidos para ornamentação das salas porque são mais precoces e mais faceis de cultivar.

E' aos jacintos simples que dá a preferencia para a cultura em garrafas ou jarras apropriadas, os unicos mais á disposicão dos amadores que não teem estufas nem jardins. Os jacintos duplos são de dificil cultura e os resultados são quasi sempre mediocres.

As cebolas ou bolbos dos jacintos vendem-se nas lojas de sementes e os comerciantes vendem-nas com a designação das cores, o que é muito conveniente, pois os amadores podem escolher as cores que melhor condigam com a ornamentação e cores das casas para que são destinados.

Nas lojas de vidros vendem-se as jarras proprias para a cultura e ornamentação.

A cultura é facil. Enche-se as jarras de agua de chuva isenta de impuresas. Deita-se-lhe um pouco, de sal da cosinha, muito pouco ou de pó de carvão para impedir que a agua se altere. Cada cebola é colocada na garganta da jarra de forma que só toque ligeiramente na agua e fecham-se as jarras num armario ou guardam-se num sitio escuro onde ficarão cinco ou seis semanas, mas renovando a agua todos os quinze dias e limpando as cebolas nessa mesma ocasião.

Assim que as raizes estão desenvolvidas, põem-se as jarras num sitio bem claro e onde haja uma temperatura aproximada de 15 graus durante o dia e que durante a noite não baixe a mais de 8.

E' necessario evitar as correntes de ar frio, sem deixar de arejar sempre que a temperatu- exterior o permita o que no sul do paiz é vulgarissimo. Pouco a pouco a haste floral vae subindo e tomando pezo.

Para que ela não tombe, escora-se na boca da jarra com algodão em rama.

Terminada a floração, as cebolas deitam-se fora. Sabendo escalar a cultura tem-se flores durante todo o inverno variando a decoração.

A cultura dos jacintos pode tambem ser feita em vaso ou em prato rodeando as cebolas de musgo que deve ser mantido humido. E' preciso porem, cuidado na rega porque pode suceder que as cebolas por cima estejam secas e por baixo com agua em excesso o que poderia fazel-as apodrecer.

Plantações

PERGUNTA: M. A. Lagos:—Desejando plantar uns castanheiros e nogueiras perto do mar, numa propriedade com bons terrenos mas de pouca agua, roge a V. me diga se valeria o trabalho e dinheiro empregado.

RESPOSTA:—O sr. consulente não diz se pretende tirar rendimento da frutificação ou da madeira, nem tão pouco esclarece a qualidade do terreno.

Na falta destes esclarecimentos dir-lhe-hemos que o castanheiro se dá muito bem na montanha, é de crescimento rapido aceitando qualquer terreno, com excepção dos que sejam muito calcarios e que prefere os graniticos frescos e de meia luz. Se destina os castanheiros á produção de arco ou madeira deve guardar a distancia de 1,50 a 5m· de arvore para arvore e se deseja explorar o fruto a distancia deve ser de 5m· até 10m· ou mesmo 12m. A frutificação começa dos 15 aos 20 anos nos exemplares isolados, sendo indispensavel, para isso, fazer a enxertia, escolhendo-se neste caso o *garfo* de outra arvore de fruto apreciado.

A nogueira vulgar é uma arvore de apreço, quer pelo valor dos frutos, quer pela bôa qualidade da madeira. Cultiva-se em exemplares isolados e plantados á distancia de 12 a 15 metros. Não exige bons terrenos preferindo contudo os solos de certa fertilidade e um tanto abrigados, mesmo que não sejam muito profundos. Aceita bem os terrenos calcarios, não lhe servindo os muito humidos e os secos ou compactos em excesso. Esta arvore tambem começa a frutificar dos 15 aos 20 anos. E' de longa vida e pode atingir alguns seculos de existencia.

Como se reconhece, a plantação destas arvores depende da natureza do terreno e exposição, para se obterem bons resultados.

F. P.

A INDUSTRIA CORTICEIRA

(Contribuições para o estudo das suas crises)

Dissemos, no nosso ultimo artigo, primeiro da serie que nos propômos escrever nestas colunas, versando o problema corticeiro, que a estabilisação dos preços da cortiça em bruto, independente das altas e baixas provocadas pela especulação sobre os artigos preparados ou manufacturados, muitas vantagens traria para os productores. E acrescentámos que uma delas (possivelmente a mais tangivel), era a fixação da base de caculo para a compra ou venda dos montados. Mas, além desta, varias outras ha. Uma seria, por exemplo, a regularidade com que se efectuariam vendas de cortiça para extracção a longo praso, sem que, ao compra-las, o industrial sentisse necessidade de se precaver com uma margem apreciavel para cobertura do possivel risco de baixa. Outra, a facilidade na obtenção de creditos hipotecarios, quer oficiaes, quer particulares. Outra ainda, a consequente diferenciação entre partidas boas e partidas fracas, que hoje pouco se verifica.

Esta ultima acarretaria, de per si, um rosario de beneficios: estimularia no produtor o carinho pelo sobreiro, levando-o a evitar córtes, quasi sempre prejudiciaes, a não extrair cortiça virgem para alem dos limites indicados pela experiencia, e a não olhar para alavra como um meio conducente ao aumento de pêso da cortiça, mas como uma operação destinada a melhorar as condições fisicas da arvore; daria ao industrial uma melhor possibilidade no aproveitamento da materia prima adquirida, tranquilsando-o sobre os resultados da transacção, quantas vezes diferente da espétativa pelo rebaixamento de qualidade duma tirada para a seguinte, originado em córtes, lavras e desboias extemporaneos ou forçados; e beneficiaria a Nação, porque a melhor mercadoria correspondendo melhor preço e maior contentamento do consumidor, mais ouro entraria a contrabalançar aquele que sae devido á insuficiencia da nossa produção industrial.

Crêmos ser desnecessario insistir com referencia a outras vantagens de ordem secundaria que a estabilisação das cotações da cortiça em bruto produziria, As que ahi ficam devem bastar. Posto isto, passaremos a analisar os preços médios obtidos pelos produtores nos anos de 1928 a 1929, e qual, segundo o modo de vêr do articulista, deveria têr sido e deverá ser, até mudança de circunstancias essenciaes, o verdadeiro valôr da cortiça amadia.

Pode-se calcular que em 1927 as cortiças fôram vendidas a uma média ligeiramente inferior a 20$00 cada arroba. Em 1928, essa média elevou-se a cêrca de 25$00. E em 1929 subiu ainda, até roçar a casa dos 30$00, tendo, mesmo, havido algumas vendas efectuadas a 40$00, e sendo frequente ouvir-se então, da boca de produtores que arvoravam em profetas por palpita, e afirmação dogmatica de que no ano seguinte, o mais tardar dali a dois anos, a cortiça valeria 50$00 a arroba. Quando se lhes perguntava, ironicamente ou a serio, qual a causa dessa alta formidavel, respondiam «que todos os dias se estavam descobrindo novas aplicações para a cortiça» e que «a produção desta era muito inferior ao seu consumo». E se alguem, com bases para o fazer, contestava, dizendo que a alta excessiva estava, provocando exactamente o inverso, isto é, que o consumo diminuia e que a produção aumentava, sendo já bastante superior ao consumo—o menos que sucedia ao desmancha-prazeres era sêr alcunhado de pessimista, derrotista e, tambem, de parvo.

Ma sdeixemo-nos de divagações, que nos afastam do nosso objectivo principal, e, após ter concluido que a média do preço de venda da cortiça em bruto no trienio 1927/29 foi de Esc. 25$00, prossigamos a expôr a sucessão de calculos que nos levam a afirmar que esse valôr excedeu em cerca de Esc. 11$00 o seu valor real ou intrinseco.

Antes de 1914 vendiam se cortiças desde $50 a mais ordinaria (não confundir com o refugo apartado) e 1$30 a melhor, por unidade a arroba. Apezar de esta ultima por via de regra não abundar (e hoje incomparavelmente menos que então), calcularemos o valór médio de venda em $90. Como condições de venda, era da praxe nessa altura que as pesagens se efectuariam 20 diás após o fecho da ultima pilha e que no péso não entrariam os chamados calces, as cataplasmas, a cortiça queimada e os bocados de superficie inferior a um palmo. Alem do que não se faziam entregas á conta da mercadoria antes desta têr sido pesada, salvo qualquer pequeno sinal, e concediam-se geralmente prazos de 3, 6 e 9 meses para completar a liquidação.

Multiplicando os $90 acima indicados por 18,14, coeficiente de desvalorisação da nossa moeda (em 30/6/1914 a Lvalia Esc. 5$96,7; de 1927 até hoje manteve-se nos Esc. 108$25 do mercado livre) encontramos Es. 16 $33. A esta importancia devemos, porém, abater:

1.º $20, correspondentes á diferença entre o coeficiente de desvalorisação da moeda e o da mão de obra, que lhe é superior em 7,57%;

2.º $10, correspondente á mesma diferença no capitulo transportes e restantes gastos duma exploração fabril (base do calculo, o numero-indice médio do custo da vida no trienio 2332);

3.º 1$15, equivalente a 4,6% sobre Esc. 25$00 (preço médio de venda do produto preparado quando comprada a materia prima a 16$33) e correspondente ao imposto «ad valorem» que, sob o titulo de sobretaxas de exportação, todos os exportadores pagam ao Estado (a notar que nos baseamos nos actuaes 50%, quando até Junho de 1928 a reserva para o Estado era de 75%,

4.º 1$96, correspondente á diferença de qualidade entre as cortiças extraidas no trienio 1927/29 e as cortiças das mesmas arvores extraídas duas tiradas antes (regula de 9 a 16%; tomamos os 12% para base dos nossos calculos):

5.º 2$37, correspondente ao agravamento das condições de venda: pesagem 15 e 8 dias após o fecho das pilhas, indo á balança quanto a arvore produz, á excepção da virgem 4, 5 entregas de dinheiro por conta, á data da realisação do negocio e por ocasião da entrada dos machados—2 1/2%; encurtamento dos prazos para liquidação-7 5%.

Estas verbas totalisam 5$78, os quaes, deduzidos dos 16$33 acima indicados, reduzem-nos a Esc. 10$55. Julgamos, porem, perfeitamente plausivel uma valorisação de 1/3, apezar de no trienio em referencia estarem todas as materias primas de grande consumo mundial abaixo das suas cotações de 1914; e justifica-se essa valorisação pelo incremento que a industria dos materiaes isoladores á base da cortiça tomou depois da guerra, impulsionada precisamente pela baixa cotação da materia prima. Atingimos, assim, Esc. 14$07.

Este deveria ter sido, sempre segundo o articulista, o valôr médio da cortiça em bruto nos anos de 1927 a 1929. Como os produtores a venderam por preço muito superior, fôram beneficiados em 200.000 contos. numeros redondos. Antes assim. Tanto mais que, nesses anos, quasi que a unica vitima da contra-partida foi o consumidor estrangeiro, e do ouro deste é que Portugal carece. Mas já o mesmo não aconteceu nos anos seguintes, infelizmente para os industriaes, para o Paiz e, tambem, para os produtores.

Ocorre agora, sem duvida, perguntar: sendo o valor intrinseco, médio, da cortiça em bruto Esc. 14$00, como foi possivel eleva-lo progressivamente para 20$00, 25$00 e 30$00? A resposta será necessariamente longa, porquanto para a tornar comprensivel haverá que esmiuçar a genese da actual crise. Ficará, por isso, para o nosso proximo artigo.

Cultura da Oliveira

Do Posto Agrario de Sotavento do Algarve, recebemos a seguinte circular dirigida pelo Ministerio da Agricultura.

Para completo conhecimento e conveniente divulgação, tenho a honra de comunicar a V.ª Ex.ª que o Ex.mo Sr. Ministro da Agricultura, no intuito de promover o aperfeiçoamento da cultura da oliveira na provincia do Algarve e melhorar consequentemente o fabrico do azeite;—producto este ameaçado de ser banido da alimentação publica unicamente por deficiencia de cultura, péssimo e antiquado processo de fabricação, ordenou que a XX Brigada Técnica da Campanha da Produção Agricola, com séde no Posto Agrario de Sotavento do Algarve, Tavira, prestasse aos olivicultores algarvios a maior assistencie técnica no sentido de se conseguir o objectivo visado:—«melhorar o azeite desta Provincia».— Por colheita insignificante ou nula, não pode este ano a XX Brigada Técnica prestar a sua assistencia aos lagares no sentido de promover o aperfeiçoamento do fabrico. Não sucede, porém, o mesmo no que diz respeito aos cuidados e tratamentos a dispensar á oliveira; e assim, serão abertos cursos praticos de podadores de oliveiras que funcionarão este ano em Monchique e Tavira. Nestes cursos podem matricular-se os operarios ruraes que pretendam especialisar-se nesta pratica agricola e aos quais, depois de aprovados em exame prático, será passado um cartão profissional. — Aos operarios matriculados e durante o periodo intensivo de instrução será abonado pela Junta Central um salário egual ao que correr na região.—Depois de ministrada a instrução prática intensiva, constituir-se-hão com os alunos—operarios matriculados, Brigada de podadores que procederão á póda dos olivais cujos proprietários assim o desejem.—O pedido de inscrição para a matricula de podadores poderá ser dirigido, na região de Barlavento, para a séde do Sindicato Agricola de Monchique; na região de Sotavento, para a séde do Posto Agrario de Sotavento do Algarve—Tavira.—Para o mesmo Posto Agrario devem ser dirigidos os pedidos dos olivicultores que desejem utilisar-se dos serviços das Brigadas dos podadores. Os operarios matriculados na região de Barlavento e inscriptos por intermedio do Sindicato Agricola de Monchique, devem apresentar-se na séde desta colectividade, munidos da ferramenta necessaria, no dia 14 do corrente, pelas 15 horas, afim de receberem as necessarias instruções e iniciarem no dia seguinte a aprendisagem prática que será ministrada por pessoal técnico idoneo.—Os operarios da região de Sotavento, matriculados no Posto Agrario de Tavira, devem apresentar-se na séde do Posto, no dia 26 do corrente, pelas 15 horas.

INDICAÇÕES UTEIS

No campo

Continua a póda das arvores frutiferas e das vinhas; limpam-se os pomares do musgo e lichens; faz-se a talhadia e continuam as lavras preparatorias para as sementeiras da primavera. Nas hortas semeiam-se couves, alfaces, mimosas, beringelas e cebolo.

No Jardim

Substituem-se as arvores que não vingaram na primeira plantação e limpam-se as outras. Florecem as magnolias, salvas, canarins, mucluras, violetas, malmequeres dobrados, camelias, rosas de Bengala, malvas, jasmins amarelos, etc. Semeiam-se, para florescer na primavera, os amôres perfeitos, crisantemos (botões de ouro), gramineas, etc.

Na Capoeira

O exito na creação e exploração das aves domesticas, tanto depende da bôa orientação a que preside a organisação do galinheiro, como dos cuidados a ter durante o ano com a respectiva população avicola. O ano avicola, pode-se dizer, não coincide com o ano natural pois, se inicia quando as frangas começam a pôr e quando as galinhas velhas terminam a muda e renovam a postura, ao principiar o inverno. Geralmente, isto suceae nos mêses de Outubro e Novembro. Néste mês a muda deve ter terminado por completo e as frangas nascidas em bôa estação, ou sêja de Dezembro a Março, devem produzir ovos e as que não tiverem iniciado a postura devem vender-se para consumo, por ser indicação segura de que são más poedeiras. Durante a muda das galinhas velhas os galos devem estar separados do rebanho para que o periodo de descanso lhes produza o indispensavel vigôr para uma nova reprodução.

Em Janeiro deve-se proceder á escolha de reprodutores que se constituirá por frangas de 10 a 12 mêses e que se tenham revelado bôas poedeiras e bem assim de galinhas que reunam a mesma qualidade e que não tenham mais de trez anos. Todas as que atingirem este limite devem ser sacrificadas e as frangas que não forem escolhidas para a reprodução por falta de caracteristicas da raça e desde que sêjam bôas poedeiras passam a constituir os rebanhos de produção de ovos.

O limite minimo para se avaliar das bôas qualidades de cada galinha deve ser verificado na primeira postura será fixado em 120 a 150 ovos, a contar do primeiro ovo.

—

O solo das capoeiras, nésta época, mantem-se sempre limpo e seco. Os ovos escolhidos dos reprodutores podem ser incubados artificialmente ou por meio de peruas que se devem obrigar a incubar por ser raro neste mez encontrarem-se galinhas chocas. Diz o adagio que *o pinto de Janeiro vai ao poleiro.*

GRAND PRIX

O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO-LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:

R. JANEIRO 1904 ANVERS 1894 BELEM 1895 — LONDRES 1904 LISBOA 1888 PARIS 1889

MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUES 1906, ETC.

Vinho Nutritivo de Carne

É o melhor tonico nutritivo que se conhece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue o fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraqueza geral. E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos. Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom bife.

DEPÓSITO GERAL-FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174-LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

Azeites Nacionaes

Garantidos, puros de oliveira por analises oficiaes

Fabricação esmerada em suas fabricas de moderna instalação, com os mais perfeitos maquinismos em EXTREMOZ

Americo da Cruz, L.da

Marca A V N.º 1 (Branco) acidez maxima 0,3
» A V N.º 2 (Natural) » » 0,6
» A V N.º 3 » » » 0,9

Filtrados acidez de 1,5 a 5 graus

Pedidos aos representantes em Faro, Olhão, Tavira, Vila Real de Santo Antonio, Albufeira e Portimão

GRAÇA & MARTINS, L.DA

Rua Vasco da Gama, 81 — FARO

FARINHAS E SEMEAS

Das fábricas

Moinhos Reunidos, L.da

SABÕES

Da fábrica

Dias Ferreira, L.da

Optimas qualidades. Os melhores preços

DEPOSITARIOS:

GRAÇA & MARTINS, L.da

Rua Vasco da Gama, 18 — FARO

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

: Executam-se com: rapidez e perfeição

TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS QUE O CLIENTE QUIZER, OS QUAES ESTÃO ACIMA DE TUDO PELA PRONTIDÃO, MODICIDADE DE PREÇOS, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO, FA-LOS A TIPOGRAFIA DE O ALGARVE PARA O QUE NÃO SE POUPOU A SACRIFICIOS REMODELANDO E ORGANISANDO OS SERVIÇOS PARA ATENDER A QUEM DESTES TRABALHOS NECESSITE.

Quem tiver amor ao dinheiro e tenha gosto, deve procurar quem melhor e mais barato o sirva

Perfeição e economia

O Algarve vende-se em Lisboa na Tabacaria Monaco

Marques, Vaz Velho & Calado L.

IMPORT. & EXPORT.

FARO

Agencia de navegação para todos os portos do mundo

Fabrica de conservas de peixe

Fornecedores de caixotaria para conservas

A Prestações Semanaes

Se adquirem as celebres

COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionario em Portugal

ADCOCK & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 38

FARO

«O Algarve» vende-se em Faro na Livraria Capela

ATENÇÃO

Agora que a C. E. Faro pode fornecer energia em abundancia, não deixeis de comprar um ferro electrico de engomar que na antiga casa Marreiros se vende pela insignificante quantia de Esc. 40$00.

E' aproveitar porque o saldo está quasi esgotado.

Praça D. Francisco Gomes, 1

FARO (115)

Aveia, Cevada e Fava

AOS MAIS REDUZIDOS PREÇOS DO MERCADO

VENDEM

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro Ltd.

MESSINES

Propriedade

Vende-se no sitio do Patacão, com casa, com seis divisões, três casas para rendeiros, ramada, etc, com quatro noras, bastantes arvores de fruto e pinhal.

Tratar na Rua D. Francisco Gomes n.º 29, Faro.

FHILIPS

Desejaes ter uma boa iluminação em vossa casa?

Comprae a unica lampada que vos pode servir, pois dá melhor luz do que qualquer outra e com menos consumo (117)

Fhilips, e sempre Fhilips

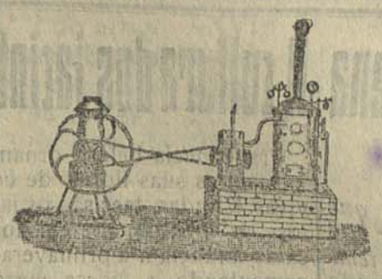
Antiga casa Marreiros

Praça D. Francisco Gomes, — FARO

Serralharia Mecanica e Civil

— DE —

J. Almeida & C.a L.da



EXECUTA COM PERFEIÇÃO TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES Á SUA ARTE

Fundição de ferro e bronze

pelos preços de Lisboa

ESTRADA DE ALPORTEL

FARO

Cimento LIS

— DA —

Empreza de Cimentos de Leiria

Cimento branco LAFARGE para imitação de pedra de cantaria

Agente e revendedor

Empreza Fabril do Algarve, L.da

— FARO —

Vende-se

O edificio da antiga e acreditada fabrica de fundição e serralharia de MANUEL CARVALHO, tendo duas entradas e servindo bem para qualquer industria: *Garage, Fabrica de Cortiça e Gazosas*, etc., na R. Infante D. Henrique, nºs 174 e 186. Tratar em Faro, com o proprietario da **FOTOGRAFIA SAMORRINHA**, rua Baptista Lopes, 26—Faro e em Portimão com Julio Verissimo de Souza.

VENDE-SE

Um «Break» em bom estado uma parelha de cavalos e respectivos arreios.

Tratar com Mateus Marques Teixeira de Azevedo.

TAVIRA

AUTOMOVEL

Vende-se. Rua Ivens, 18 —FARO. (75)

O MELHOR GRAMOFONE E' O

GHARB

Superior a todos os estrangeiros

O GHARB É CONSTRUIDO NA UNICA FABRICA PORTUGUESA DE GRAMOFONES, SOB A DIRECÇÃO DE UM TECNICO ESPECIALISADO

O Gharb só se vende nos bons estabelecimentos

Não comprem aos estrangeiros, quando ha melhor em Portugal

Grandes descontos e vantagens aos revendedores

PEDIDOS AOS:

Fabricantes:—Frederico Ramos Dias & Martins

RUA DO COMERCIO 105 A 109=OLHÃO

Distribuidores Gerais:—Cotrins & Afonso, Limitada

RUA DA PRATA 173-1.º—LISBOA

NA TIPOGRAFIA DE «O ALGARVE», EXECUTAM-SE TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES A ESTA ARTE E DE ENCADERNAÇÃO COM PERFEIÇÃO E RAPIDEZ, POR PREÇOS, RELATIVAMENTE ECONOMICOS